

# A poesia no jornal Folha do Acre e jornais alternativos de Rio Branco de 1975 a 1985: literatura e identidade.

Denízia Cunha do Nascimento<sup>1</sup>  
Dr<sup>a</sup>. Margarete E. Prado de Souza Lopes<sup>2</sup>

**RESUMO:** O subprojeto *A poesia de Francis Mary nos jornais O Rio Branco e Folha do Acre de 1970 a 1980: Literatura e questões de Gênero* realizado de 2005 a 2006, deu início à coleta das poesias publicadas nos jornais das décadas de 70 e 80. Para dar continuidade a esse trabalho, elaboramos o subprojeto intitulado *A poesia no jornal Folha do Acre e jornais alternativos de Rio Branco de 1975 a 1985: Literatura e Identidade* cujo objetivo principal é traçar o perfil cultural do amazônida e em especial desvendar o modo como a mulher esteve inserida na sociedade acreana. Como também coletar todo o material poético publicado nos jornais desse período. **RESULTADOS:** Investigamos um total de 14 jornais, embora tenhamos encontrado poesias em 6 deles apenas que foram *O Varadouro, O Jornal, Repiquete, O Rio Branco, Gazeta do Acre e Folha do Acre*. Quanto aos exemplares, foram pesquisados todos os que existiam nos acervos públicos sendo 6 de *O Varadouro*, 10 de *O jornal*, 200 de *O Rio Branco*, 150 da *Folha do Acre*, 250 do *Gazeta do Acre* e 10 do *Repiquete*, dos quais foram copiadas manualmente 241 poesias de homens e mulheres que foram publicadas nos referidos jornais no período de 1975 a 1985. Com a realização dessa pesquisa, foi possível perceber que o jornal foi um espaço alternativo bastante utilizado pelos poetas acreanos como meio de difundir suas poesias. Constatamos ainda que esse material poético foi um importante instrumento de denúncia das desigualdades sociais advindas com a desapropriação das terras dos ex-seringueiros que com a implantação da pecuária no Acre acabaram por encher as periferias da cidade de Rio Branco a partir da década de 1970 (SOUZA,2005). **CONCLUSÃO:** O poeta acreano esteve preocupado com a situação de desigualdade social vivida naquele importante período de nossa história. Momento em que toda a população sofria com os desmandos praticados pela Ditadura Militar, e com a implantação da agropecuária no Acre que culminou com a invasão de terras indígenas, e a expulsão dos posseiros de suas antigas colocações de seringa. Coube aos poetas denunciar esses conflitos pela posse da terra, os desmandos do poderio militar e a exclusão social decorrente desses conflitos. Também a mulher acreana começou a ocupar um espaço na esfera pública participando ativamente da expressão artístico-cultural acreana.

**PALAVRAS-CHAVES:** Poesia, jornalismo, identidade, literatura, Acre.

**FINANCIADORA:** PIBIC/CNPq/UFAC

Este artigo contém um histórico do trabalho que venho fazendo como bolsista de iniciação científica (PIBIC), desde o ano de 2005. Neste artigo, focalizo principalmente meu trabalho de pesquisa no ano de 2006, com o subprojeto intitulado *A poesia no jornal Folha do Acre e jornais alternativos de Rio Branco de 1975 a 1985: Literatura e Identidade* que foi elaborado como forma de dar continuidade ao resgate do material poético publicado nos jornais de Rio Branco nas décadas de 1970 e 1980.

Esse estudo iniciou-se com o subprojeto *A poesia de Francis Mary nos jornais O Rio Branco e Folha do Acre (1970-1980): literatura e questões de gênero*, realizado durante a pesquisa PIBIC 2005-2006. Assim, conseguimos levantar todo o *corpus*

---

<sup>1</sup> Bolsista PIBIC/CNPq/ UFAC.

<sup>2</sup> Orientadora PIBIC/CNPq/UFAC.

poético que ainda se encontrava disperso nos exemplares dos jornais do período em estudo. Com o término desse trabalho, foi possível delinear traços da identidade cultural do poeta acreano, principalmente da mulher acreana que participou ativamente da expressão artística do Acre nesta época, como forma de resistir à opressão da ditadura militar bem como a situação de desigualdade que ela sofria desde os tempos da Modernidade.

Ao falar da identidade do sujeito pós-moderno Stuart Hall concebe que: A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2003, p.13).

Partindo desse pressuposto trabalhado por Stuart Hall, a mulher ao ser confrontada com sua nova realidade passou a requerer seu espaço no convívio social não como um objeto, mas como sujeito de sua própria história, capaz de operar mudanças na sociedade em que estava inserida.

Tzvetan Todorov, ao falar das relações de alteridade, trata das oposições existentes desde a “descoberta” do Novo Mundo pelos espanhóis, em que os europeus homens eram colocados como seres superiores, já os índios e as mulheres eram tidos como seres inferiores (TODOROV, 1939). A partir dessas idéias, é possível ter uma clara visão do motivo pelo qual até a contemporaneidade a mulher é mantida numa posição de subalternidade.

Por fim, temos a visão posta no livro *Historia das mulheres no Brasil*, que faz a seguinte ressalva: A cultura burguesa foi fundada a partir de binarismos e oposições como natureza/cultura, pai/mãe, homem/mulher, superior/inferior em que a mulher, a natureza, o inferior são vistos como o Outro a ser dominado ou guiado pela razão superior e cultura masculina (TELLES apud DEL PRIORE, 2004, p.403).

Desse modo, buscamos avaliar nas poesias coletadas a existência de características que definam a identidade do poeta acreano, como também avaliar o modo como estão representadas as relações de poder nessas poesias escritas por homens e mulheres. Pois esse binarismo de que trata Norma Telles alicerçou as relações de poder e as relações de Gênero que colocaram a mulher em uma posição de submissão em relação ao homem.

Inicialmente, fizemos uma revisão bibliográfica de textos específicos sobre Gênero, Alteridade e Identidade. E dos textos de caráter geral sobre Poética, História do Brasil e do Acre e Metodologia da Pesquisa Científica para termos um forte

embasamento teórico, a fim de darmos conta dos aspectos culturais a serem analisados nas poesias encontradas. A pesquisa de campo esteve centrada na localização de todos os jornais de Rio Branco que circularam de 1975 a 1985 que estão arquivados no Museu da Borracha e no CDIH/UFAC, onde foram localizados os seguintes jornais: *Diário do Acre*, *Espírito da coisa*, *Acre em revista*, *Alternativa*, *Estado do Acre*, *Nós Irmãos*, *Universidade*, *Acre*, *Gazeta do Acre*, *O Rio Branco*, *Folha do Acre*, *O jornal*, *O Varadouro* e *Repiquete*.

Encontramos poesias em apenas 06 dos jornais acima descritos que foram: *O Varadouro*, *O jornal*, *Repiquete*, *O Rio Branco*, *Gazeta do Acre* e *Folha do Acre*. Quanto aos exemplares, foram pesquisados todos os que existiam nos acervos públicos, sendo 6 de *O Varadouro*, 10 de *O jornal*, 200 do *O Rio Branco*, 150 da *Folha do Acre*, 250 da *Gazeta do Acre* e 10 do *Repiquete*, dos quais foram copiadas manualmente 241 poesias de homens e mulheres que foram publicadas nos jornais rio-branquenses das décadas de 1975 a 1985. Posteriormente, essas poesias foram analisadas de acordo com as relações de Gênero e relações de poder que se deixam transparecer a partir desses escritos poéticos.

Nos tempos da Modernidade, no século XIX, a mulher passou a ter um espaço cada vez mais restrito à esfera doméstica. O catolicismo, que tem um Deus masculino como ser supremo, acabou por oprimir ainda mais o ser humano principalmente aqueles que socialmente eram tidos como inferiores dentre os quais estão as mulheres, os índios, os seringueiros, os favelados, enfim, todos os que não tenha nenhum poder de decisão perante a sociedade. Nos textos poéticos encontrados, essa relação de dependência que o ser humano tem com o poder divino está ilustrada em 6 poesias coletadas em que o sujeito poético faz menção a esse Deus, seja negando-o, seja enaltecendo-o. Quando o sujeito poético fala através de uma voz masculina, ele enfatiza sempre o valor e a inquestionável obediência aos preceitos cristãos. Assim, temos o poema do autor Fernando de Castela:

*Evangelho*

*Depois Senhor, que te crucificamos*

*E lanceamos teu meigo coração,*

*Depois Senhor*

*Que as tuas vestes com dados, disputamos*

*Profanamente aos pés da própria cruz*

*Depois Jesus,*

*Que eras apenas o corpo de um homem  
assassinado*

*E ensangüentado,*

*Nós ouvimos o eco da tua santa voz:*

*“Ide e pregai o evangelho em qualquer parte”  
Estão fazendo quase dois mil anos,  
Que em teu nome Senhor  
Poucos têm plantado a semente do amor  
E da verdade  
Da renúncia, do bem, da fé, da caridade.  
Tem aumentado o numero de Judas  
Multiplicado o numero de Herodes  
De escribas, de Pilatos, Fariseus,  
Nós parricidas que matamos Deus  
Continuamos matando os semelhantes  
E nos tornamos novos vendilhões*

*Nos templos, nas mesquitas  
Apregoando um punhado de ouro  
Ou Gotas de petróleo  
Ganhando novamente esses trinta dinheiros  
  
Para encher nossas ávidas sacolas  
Para que aumente o Suculento bródio  
  
E em verdade vos digo  
Nós vamos espalhando o doce Nazareno  
Nos caminhos do mundo, as sementes do ódio.*

No poema acima, o sujeito poético questiona as ações do homem que destoam dos ensinamentos bíblicos, uma vez que em nome do crescimento econômico, nações inteiras são dizimadas pelas guerras.

Já no poema *Apocalipse*, da autora Francis Mary, o que se percebe é um questionamento à religiosidade, ao cristianismo, que tanto oprimem o ser humano. Também porque a religião é usada pelos poderosos como forma de manter o domínio social.

#### *Apocalipse*

*Anjos ou demônios  
abriram a porta da manhã  
e o sol se escondeu com medo  
os carapanãs cobriram o céu  
destruindo tudo que era vivo  
as ruas se fecharam  
e a cada passo as pessoas  
caíram num buraco  
tão fundo, fundo, fundo  
que de lá nunca mais saíram  
os dentes da boca da noite trincaram  
de ódio e de dor  
que o céu chorou chuva  
e o mundo apodreceu  
e chegou uma noite sem fim.*

Nesse poema, o sujeito poético leva as pessoas a refletirem sobre o verdadeiro papel que a igreja tem exercido ao longo dos tempos. Essa religião que tanto tem tolhido o direito das pessoas definindo formas de ser tanto de homens quanto de mulheres. Isto implica também o abismo em que as pessoas se encontram na sociedade

atual, as quais incitadas pela ambição em busca de mais poder econômico acabam passando por cima de quaisquer valores que elas mesmas dizem respeitar.

Outra temática bastante trabalhada pelos poetas acreanos é a crítica/social, em que se inserem 190 poesias das 241 coletadas. Um assunto que esteve em voga nos poemas acreanos publicados nos jornais em estudo foi a denúncia social, tentando alertar a população para os desmandos praticados pelos coronéis de barranco, que tentavam com a ajuda dos chamados grileiros desapropriar os seringais que ainda eram ocupados pelos ex-seringueiros. Estes, sem ter para onde ir, acabaram ficando em suas antigas colocações.

Nesse tempo, os seringueiros não tinham mais nenhuma serventia para os antigos senhores da borracha, porque o preço da borracha decaíra muito e sua produção já não representava lucro para os seringalistas bem como para o Governo acreano. A partir de então teve início uma violenta batalha pela posse da terra, que culminou com a morte de muitas pessoas, dentre as quais estavam importantes sindicalistas como Chico Mendes e Wilson Pinheiro (SOUZA, 2005). Em relação a este último, foi coletada uma poesia que exalta seu valor, ao passo que descreve sua morte. Por ser muito extenso, será transcrito apenas um trecho do mesmo:

*Balas de aço em Brasília (Ramayana Vargens)*

*Wilson sabia  
bem mesmo que um dia  
podia acontecer  
a tal sorte da morte  
(...)  
desgraça qualquer  
(...)  
queria igualdade  
e portanto vencia  
(...)  
de repente  
é a serra  
é o fogo e a queda  
é a chaga na selva  
  
derrubada do homem  
o domínio do pasto*

*é a dor da miséria  
pelo boi e a fazenda  
que acaba com o índio  
e espanta o caboclo  
  
(...)  
assumiu e aprendeu  
como é sindicato  
que só serve se for  
todo tempo de fato  
pra defesa da gente  
que trabalhava e apanha  
  
(...)  
  
foi três balas na noite  
de aço e certeiras  
ele estava sentado  
os tiros nas costas  
enquanto via a tv*

*mas ao lado do sangue  
do defunto consciente  
outros homens juraram*

*e todos entenderam  
que a vingança maior  
é manter união*

Essa poesia sintetiza o viés crítico de que os poetas se imbuíram para lutar pelos direitos dos inferiorizados. Nesse ínterim, a ditadura militar censurava qualquer tipo de manifestação contrária a seus preceitos, enquanto a instalação da pecuária no Acre expulsava os posseiros de suas terras, deixando-os à mercê da própria sorte nas zonas periféricas da cidade de Rio Branco. O fazer poético foi uma das poucas formas de resistência às mazelas sociais impostas pela classe dominante. O jornal era um espaço privilegiado onde era possível publicar poesias “engajadas”, em que homens e mulheres encontravam um canal para expressar as angústias e opressões do povo acreano.

Finalmente, encontramos também poemas de veia intimista, em que o sujeito poético parece estar totalmente alheio ao que acontece ao seu redor, alienado, voltado somente para seu interior e esmiuçando-se em exaltar seus próprios sentimentos e emoções. O poema abaixo exemplifica isso:

*Sem você ( Helenir)*

*De que adianta eu sorrir,  
se não é pra você o meu sorriso?  
De que vale minha alegria?  
se não é você a causa?  
A que resulta meu bom humor,  
se não é pra você a satisfação?  
De que adianta o meio,  
se não é você o meu fim?  
Que importa ser feliz,  
se não é com você a dividir a minha felicidade?  
Será que vale a pena viver,  
se não é com você que eu vivo?  
Sim, vale a pena viver,  
se na esperança de ter você.*

Pelo discurso do poema acima, percebemos um sujeito poético colocando-se em uma posição subalterna em relação aos seus sentimentos amorosos, como também em relação ao ser amado.

No poema abaixo, de autoria masculina, apresenta-se o sentimento amoroso por um viés diferente:

*Um pouco de você (Carlos A. M. Pinto)*

*Semblante triste a esperar o devenir,  
Olhar incógnito, castanho, quase negro,  
A transmitir reflexos disfarçados,  
(...)*

*Você é a vontade de querer se encontrar,  
Você é o universo do encontro a procurar,  
Você é vulcão em contínua erupção,  
Você é o sim forçado, querendo dizer não.*

*Você é o final que da vida é o começo,*

*(...)*

*Você é quase vida, da vida que quero ter,  
Você é andorinha com um ponto a encontrar,  
Você é grito preso com vontade de sair  
Você é bomba-amor com vontade de explodir,  
Você é muito mais do que pude perceber,  
Você é a beleza que eu quero conhecer  
Você é o muito pouco, eu sou um pouco de você.*

Mesmo estando claramente entregue à paixão que nutre pela mulher amada, ele se mostra não como alguém submisso a outrem, visto que nas relações amorosas, o homem jamais se coloca em posição de subalternidade à mulher, mas sim como um sujeito querendo desvendar os mistérios que envolvem a mulher.

O poeta acreano, na grande maioria dos casos, tentou através de suas poesias dar voz aos menos favorecidos. Dessa maneira, vimos que o poeta acreano não esteve passível diante da dominação militar e da situação de exclusão social a que grande parte da população rio-branquense esteve submetida. O poeta acreano soube usar a poesia para se expressar.

Nos poemas que tratam das relações de gênero, estes definem relações de poder entre homens e mulheres, em que a mulher é sempre tida como um ser inferior. Assim também ocorre nas questões de alteridade no Acre, em que não somente as mulheres como também os índios, seringueiros, posseiros, enfim, os marginalizados foram postos num mesmo patamar de desigualdade e desvalorização. Entretanto, a poesia manteve uma postura de criticidade e busca pela emancipação dos sujeitos inferiorizados.

Na Amazônia, e no Acre em especial, as relações de Gênero, bem como os conflitos de identidade, foram tão desiguais quanto no Brasil da época do descobrimento, momento em que foram mortos muitos índios, uma vez que por serem considerados inferiores aos espanhóis deveriam ser postos sob o jugo destes, se não por vontade própria, deviam ser obrigados pela força das armas européias. Portanto, da mesma forma, ocorreu a dominação do povo da floresta, no início do século XIX, bem como do indígena acreano, que teve sua vida ceifada pelo homem “civilizado”.

Os binarismos que formam nossas sociedades continuam a impor os modos de viver ao ser humano, que nasceu para ser livre e, no entanto, vive oprimido pelos superiores. Em um capitalismo cada dia mais exacerbado, quem tem mais riqueza está em uma posição de poder, impondo suas vontades aos demais seres sociais. Sem esquecer da mulher, um ser que por muito tempo teve sua liberdade tolhida, e, ainda na contemporaneidade, vive lutando para manter o espaço que por ela já foi conquistado.

## **Referências**

SCOTT, Joan W. “Gênero: Uma Categoria útil de Análise Histórica. “, In: **Educação e Realidade**, vol. 16, nº 2, Porto Alegre: jul/dez, 1990.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América - A Questão do Outro**. Tradução de Beatriz P. Moisés,. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SOUZA, Carlos A. A. de. **História do Acre: Novos Temas, Nova abordagem**. Ed. Carlos A. A. Souza, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural no pós Modernidade**. Tradução de Tomaz T. da Silva, & , Guaracira Lopes Louro. 7ª ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BUTLER, Judith P.. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Tradução de Renato Aguiar,. Rio de Janeiro, 2003.

ASSMAR, Olinda B. (org.) **As dobras da memória de Xapuri**. São Paulo: Papel Virtual/ PUC, 2002.

BEZERRA, Maria José; SILVA Maria Rita Costa da & CAMPO, Maria Madalena Guedes. **Damas da noite: sexualidade e prazer como estratégia de sobrevivência**. Rio Branco: M. M. Paim, 2001.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

LOPES, Margarete Edul Prado de Souza. **Motivos de mulher na ignota floresta amazônica: produção de escritoras acreanas no século XX**. Rio Branco: Fundação Elias Mansour/ EDUFAC, 2006.